



Entre armas e discursos: o uso da figura de Viriato (?-139 a.C) pelo Salazarismo (1933-1974)

Ricardo Luiz de Souza¹

Resumo: Desde a antiguidade, a Península Ibérica sempre foi uma área muito almejada. Assim, gregos, cartagineses e, por último, os romanos, buscaram o seu controle ao longo da História. Após a derrota de Cartago, boa parte da Antiga Península Ibérica, ficou sob o comando de Roma, sendo posteriormente organizado em duas províncias: *Hispania Citerior* e *Ulterior*. A chegada das legiões romanas, alteraria profundamente o cotidiano dos mais variados povos peninsulares, levando muitos a pegar em armas contra o invasor, em guerras travadas sob o ritmo da prática de emboscadas e guerrilhas. Nesse ínterim, destacam-se as chamadas Guerras Lusitanas (155-139 a.C), conflito violento e decisivo, que nos trouxe a figura do chefe militar que infligiu pesadas derrotas aos exércitos romanos: o chefe militar Viriato, personagem que seria, milênios mais tarde, utilizado para evocar nos indivíduos portugueses os sentimentos de nacionalidade, virilidade guerreira e heroísmo.

Palavras-chave: Viriato; Lusitanos; Salazarismo.

Introdução

Em diversas mídias, suportes e formatos, a Antiguidade sempre revisita nossas vidas, pois ela traz fascínio, admiração e curiosidade a todas as idades. Todavia, o Ensino da Antiguidade deve ser sempre realizado e valorado junto às instâncias administrativas que gerem e criam as legislações educacionais, pois o público discente necessita apropriar-se criticamente do que é construído através das construções políticas sobre a Antiguidade, com o fim de que não cometa equívocos ou tenha uma visão romanceada sobre os contextos históricos presentes junto às produções artísticas, memoriais e culturais.

Por muito tempo, a História Antiga foi abordada e ressignificada sob a ótica dos dominadores, cujos escritos imputavam suas visões de mundo e as convertiam em dominação social, política e econômica sobre a memória e as narrativas. Nesse processo, as narrativas e suas validações apresentam-se, na maioria das vezes, em ferramentas de controle, já que impunham uma série de argumentos sobre o passado e sua relação com o presente. Desta forma,

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. E-mail: r239111@dac.unicamp.br.



seriam dignos de ter suas histórias rememoradas os ocupantes de uma elite política, econômica, militar etc.; ou seja, os imperadores, os militares e os grupos dominantes, considerados, segundo tal visão, os verdadeiros definidores do curso da História. Dentro desse contexto, é importante inferir que a História Antiga foi vista como uma disciplina conservadora, elitista e, por vezes, etnocêntrica e masculina. Essa imagem é resultado de sua origem: o contexto de consolidação da História como ciência coincidiu com o da afirmação e consolidação dos Estados nacionais europeus, cujo arcabouço ideológico serviu para a perpetuação do imperialismo nos Impérios Coloniais modernos em boa parte do globo. Logo, os Estados que se intitulavam herdeiros das tradições greco-latinas deveriam “civilizar” outros territórios e povos. Nesse período, surge uma historiografia alicerçada numa busca pela verdade histórica, com a utilização de fontes oficiais e de cunho positivista, e que moldou, por muito tempo, o entendimento do passado como algo estanque, rígido e de certa forma elitista.

Desta forma, é importante divagar que deve-se sempre contextualizar o uso dos heróis e heroínas do passado quando é trabalhado o Ensino de História. Em muitos casos, a glorificação de personagens são apropriações do passado como forma de ressignificar o presente, tal qual o uso de Viriato pelo Estado Novo Salazarista, tema deste artigo. Nisso, torna-se relevante que se busque a compreensão de que o interesse no passado de heróis e nos aspectos heroicos “romantizados” podem ter sentidos ideológicos que devem ser contextualizados à luz da investigação histórica. Essa investigação contribui para que não nos arriscarmos adentrar nos movimentos de Nacionalismo extremo - tal como já ocorrera no século passado -, como a emergência dos regimes nazifascistas. No caso do Ensino de História, esse tipo de abordagem, com o uso da crítica, poderá fazer com que o discente entenda que as narrativas históricas se estabelecem como um campo de negociação, conflito e de produção simbólica, cuja interpretação deve ser contextualizada e revisitada, com fim de que se possa tecer diálogo com o presente.

Assim, torna-se mister que novas investigações possam ajudar a sociedade a identificar as apropriações contemporâneas da Antiguidade, relacionando-as com símbolos, mitos, figuras históricas, valores, heróis etc. uma vez que são tomados pela sociedade ocidental como paradigmas culturais. Por isso, é necessário que os indivíduos construam seus saberes em relação à Antiguidade de forma crítica, com fim de torná-la mais abrangente no que concerne aos seus mais variados construtores. Nisso, “partindo das aporias do cotidiano de nossos estudantes, pode-se chegar à Antiguidade de forma não apenas lúdica, prazerosa e significativa para a vida,



mas sim, de forma crítica e contextualizada, com limites e possibilidades de (re)interpretações (Funari; Garraffoni, 2004, p. 24). Este é o objetivo deste artigo, que faz parte da pesquisa que ainda se encontra em fase inicial de investigação, discussão historiográfica e redação.

Viriato e as Guerras Lusitanas

As Guerras Lusitanas² - também chamadas de “Guerra do Fogo”- foram caracterizadas pelo conflito armado entre a República romana e os lusitanos que habitavam a *Hispania Ulterior*. Esse conflito foi travado de forma mais intensa no período compreendido entre 155 a.C. e 139 a.C., embora alguns embates tiveram início em 170 a.C. O período mais crítico e o de maior produção de fontes primárias foram os anos em que Viriato comandou as hostes lusitanas, entre 147-139 a.C. No entanto, uma característica perpassa a escrita de vários autores greco-latinos sobre esse conflito: a obstinação bélica feroz lusitana³ frente à dominação romana. Pouco se sabe sobre a origem de Viriato, o homem. Em contrapartida, as fontes deixaram muitos escritos sobre ele, chefe guerreiro e comandante militar dos lusitanos nas Guerras Lusitanas. Contudo, elas não descrevem as características físicas do guerreiro. Somente são citados os adjetivos ligados à agilidade, destreza com as armas, resistência física e inteligência militar. Sua fisionomia em inúmeras obras e estátuas, espalhadas por Portugal⁴ e Espanha são, portanto, meramente subjetivas e servem às construções ideológicas de seus tempos de produção.

O historiador Eduardo Sánchez Moreno apresenta que o processo de construção narrativa de Viriato tem sido variado com o tempo, em função do desenvolvimento de pesquisas que, segundo circunstâncias e em algumas épocas mais do que em outras, moveu-se ao ritmo de interesses doutrinários e das políticas dominantes. Dessa forma, verifica-se que em muitas passagens das fontes greco-latinas, o perfil construído acerca do chefe lusitano é estereotipado e impregnado de arquétipos ideológicos. Muitas dessas visões o abordam como o “bom

² Convém esclarecer que a Lusitânia só adquire uma existência definida territorialmente com o lançamento da organização administrativa romana. Geralmente, aceita-se que essa definição tenha sido criada oficialmente em 27 a.C. por Augusto, embora, do ponto de vista prático, já pudesse ser operante em épocas anteriores (SOUZA, 2022, p. 16).

³ A cultura material tem corroborado para estabelecer as intensas relações dos lusitanos com a guerra³. Um exemplar interessante é o das famosas estátuas de “guerreiros galaico-lusitanos”, que foram encontradas na zona castreja de Portugal, entre os vales de Viana e Rubias. Essas esculturas retratam homens armados com escudos redondos e côncavos, sendo que alguns estão portando armas de ataque, tais como punhais e espadas curtas (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 100-101).

⁴ Nesta pesquisa, em especial, por razões metodológicas e espaciais, utilizaremos como recorte geográfico o chamado Portugal continental, excluindo as colônias africanas e asiáticas que pertenciam à Metrôpole lusitana até meados da década de 1970.



selvagem” (SÁNCHEZ-MORENO, 2002, p. 25), cristalizando um viés heroico no caudilho, de um chefe guerreiro que resistiu bravamente, guiando seu povo no combate ao invasor romano.

Viriato, junto com Arminio e Vercingetólix, com Tacfarinas e Decébalos, pertence à série dos grandes heróis populares bárbaros que uniram as forças dispersas de suas nações para a luta pela liberdade, sustentando contra a hegemonia romana, uma luta gloriosa na vitória e na derrota. Tomamos um interesse especial e pessoal por estes homens e seus respectivos povos, pois lutavam uma luta mais bela, a luta pela pátria ameaçada pelo opressor estrangeiro (SCHULTEN, 1920, p. 127)⁵. Tradução do autor.

Todavia, pode-se dizer que os estudos empreendidos a partir de então acerca de Viriato e dos lusitanos se circunscrevem dentro de duas tendências bem determinadas que ainda se mantém assim: de um lado, as análises históricas, de corte mais ou menos descritivo, inseridas no processo global da conquista romana da *Hispania*; de outro, a autópsia elaborada sobre Viriato, transferida pelos autores clássicos, construída à sombra de projeções ideológicas e filosóficas. Desta maneira, nota-se que muitas investigações estavam mais preocupadas em dar uma origem geográfica a Viriato, com o fim de colocá-lo nos limites territoriais das atuais nações de Portugal e Espanha, do que, propriamente, contextualizá-lo dentro de seu tempo histórico⁶.

A figura mítica de Viriato foi usada ideologicamente como um mito fundador e herói nacional, sendo sistematicamente utilizada por ambos os países ibéricos ao longo dos séculos. É interessante perceber que em certos momentos da História da Península Ibérica, a figura de Viriato foi invocada como aglutinadora do moral militar dos espanhóis frente às invasões napoleônicas no começo do século XIX. Da mesma forma, Viriato também havia sido usado como um personagem formador no processo de consolidação do Império Colonial português durante os séculos XVI e XVII, e que, usando de sua garra, astúcia e sagacidade, entraria no panteão dos heróis formadores desta. Durante o século XX, a figura de Viriato fora também empregada pelos ditadores António de Oliveira Salazar e Francisco Franco, de Portugal e

⁵ No original: “Viriato, junto con Arminio y Vercingetórix, con Tacfarinas y Decébalos, pertenece a la serie de los grandes héroes populares bárbaros que unieron las fuerzas dispersas de su nación para la lucha por la libertad, sosteniendo contra la hegemonía romana, una lucha gloriosa a la vez en la victoria y en la derrota. Tomamos un interés especial y personal por estos hombres y sus respectivos pueblos, pues peleaban por la lucha más hermosa, la lucha por la patria amenazada por el opresor extraño”.

⁶ Por outro lado, é necessário ter um certo cuidado ao inferir a imagem de Viriato como um mero aponte anedótico, ou seja, analisá-lo a partir da dimensão emocional das imagens recorrentes acerca dos ibéricos. Em grande medida, o porquê do uso das imagens estereotipadas do passado hispano está altamente imbricado de construções identitárias profundas. Esta exaltação do passado adquirirá uma grande envergadura de mito nacional na Espanha e Portugal, com expressões trabalhadas na Literatura, Artes Plásticas, História, Arquitetura e na Pintura Histórica (SÁNCHEZ MORENO; DÚRAN, 2013, p. 232).



Espanha, respectivamente⁷, como objeto de cunho cultural, moral e educativo, cujo objetivo era o de incutir nas pessoas controladas pelas referidas ditaduras sentimentos de pertencimento e identidade. As qualidades ligadas à destreza, à inteligência, à índole e à combatividade de Viriato⁸ foram também produto dos próprios autores clássicos, que, não obstante, cristalizaram no imaginário os lusitanos como ferozes guerreiros, mas que era possuidores de certas virtudes comportamentais, tais como a bravura e a lealdade.

Todavia, o papel das mulheres dentro deste contexto militar acaba sendo escamoteado, ao serem raras as citações a elas nas fontes greco-latinas. Elas, como parte de uma sociedade imersa em determinado momento num conflito, serão, inevitavelmente, parte essencial de uma sociedade em guerra, pois na grande maioria das vezes serão partícipes, uma vez que sua participação começa antes do primeiro estalar das espadas, continua durante o desenvolvimento das hostilidades e prolonga-se em suas consequências (PÉREZ RUBIO, 2003, p. 97). Apiano relatou que as mulheres resistiram militarmente e morreram valentemente lado a lado com os homens quando o pretor Bruto, ao perseguir Viriato, atacou algumas cidades localizadas na Lusitânia⁹. Neste contexto, na maioria das sociedades antigas e em seus principais autores, encontra-se a dicotomia entre a paz, entendida como um elemento feminino; e a guerra, como um elemento masculino. Mesmo no reino mítico, as mulheres são frequentemente excluídas da guerra, a qual é reservada aos homens, como vemos na Grécia, onde as poucas referências às mulheres que lutam - para além das divindades - parecem provir de contos folclóricos ou derivar de contos populares e lendas (PÉREZ RUBIO, 2013, p. 98). Tal dicotomia, preservadas às devidas proporções, estruturas societárias e temporalidades, é percebida nos manuais escolares salazaristas, principalmente os produzidos entre 1933, instalação do regime, seguindo até por volta do fim da Segunda Guerra Mundial. Nestes materiais é reservado às meninas o papel de

⁷ Viriato e sua apropriação como “guerrilheiro”, considerado comandante exitoso e líder que lutou pela liberdade de seu povo, foi sumariamente abandonada por Portugal nos manuais escolares no período que concerne às lutas de independência de Angola e Moçambique, nas décadas de 1960 e 1970 (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 221).

⁸ A escassa ou a nula utilização do arco na guerra e na caça e, possivelmente, a ausência de pontas de flechas nos túmulos funerários e nas representações da arte ibérica podem ser elementos que nos atestam os valores simbólicos e de prestígio dessa arma. É evidente que houvesse, provavelmente, um certo desprezo ou menosprezo consciente do arco, pois este seria considerado uma “arma pouca nobre, traidora e afeminada” (QUESADA-SANZ, 1989, p. 193).

⁹ APIANO, *Iber*, 72. O historiador Apiano (95- 165 d.C.) era natural da cidade de Alexandria. Em sua carreira pública, desempenhou vários cargos administrativos e, em 120 d.C., seguiu a Roma para atuar no campo do Direito. Em 147 d.C. obteve o cargo de procurador por parte do imperador Antonino Pio. Em seus escritos, Apiano evidenciou um forte orgulho de Roma e seus feitos, no entanto, ele também retratou diversos aspectos culturais, sociais, econômicos e particularidades dos povos conquistados pelos romanos (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 1999, p. 130).

prepará-la para funções de dona do lar, enquanto os garotos são apresentados funções como o patriotismo e a importância de defender a Nação, quando adultos.

O Salazarismo e o usos do passado

O período compreendido entre a instauração da Ditadura Militar e o início do Estado Novo capitaneado por António de Oliveira Salazar (1889-1970) é um período complexo durante o qual se iniciará o desmantelamento do liberalismo e se procederá à instauração de um regime autoritário¹⁰, antiparlamentar e corporativo. Os ideólogos do Estado Novo procuraram estabelecer um sentido imediato para este novo regime, por via de um sistema de representações expresso por significados e valores. Os discursos ideológicos produzidos no contexto do poder político expressam um conjunto de crenças que se orientam para a ação, originando normativas de conduta e de diversas motivações¹¹. O projeto cultural salazarista procurou - como em outras ditaduras semelhantes - uma “restauração sistemática dos valores da tradição”. A maior atenção foi dada a todo um movimento “etnográfico-folclórico”. Criava-se, no seio do idealismo da sociedade preconizada pelo Estado Novo português, um “projeto cultural, cuja principal diretriz foi a disponibilização de recursos humanos, técnicos e culturais para uma verdadeira “reinvenção da tradição” (PINTO, 2007, p. 32). Dentro desse contexto, a escola primária e os meios de comunicação, desde os finais do século XIX, serão importantes canais usados pelos Estados para transmitir às populações as ideias referentes à imagem e à herança de uma Nação, num viés, majoritariamente, heroico. Eles tornar-se-ão um veículo para a expressão da identidade nacional por parte das elites dirigentes, uma vez que possibilitavam a apresentação de discursos ideológicos uniformizados que, por sua vez, são, sobretudo, comunicados com finalidades propagandísticas (HOBSBAWM, 2004, p. 129).

O princípio do nacionalismo é usado enquanto uma teoria de legitimidade político Salazarismo, apresentando uma visão unitária das dimensões nacional e política que se consubstancia no Estado-nação. Nesse ínterim, a edificação das exposições do passado que

¹⁰ Entretanto, em países menores da Europa, movimentos totalitários precederam ditaduras não-totalitárias, como se o totalitarismo fosse um objetivo demasiadamente ambicioso, e como se o tamanho do país forçasse os candidatos a governantes totalitários a enveredar pelo caminho mais familiar da ditadura de classe ou de partido. (ARENDE, 1998, p. 360).

¹¹ Os usos do passado como elemento homogeneizante pode manifestar-se em diversos meandros, tais como: o caráter científico, acadêmico, o existencial, o moral, o ideológico e o político-pedagógico ou, ainda, como um processo sempre mediado pela cultura. Neste último, o foco reside no significado do uso do passado, naquilo que lhe é acrescido ou suprimido, objetivando conferir sentido a uma finalidade, seja ela de natureza identitária, nacional, de classe, racial, de gênero, etc. (HARTOG; REVEL, 2001, p. 8).



exploravam as raízes e a singularidade de diferentes grupos humanos, quer organizados sob uma forma estatal, quer previstos para a posteridade. Esta é uma característica dos séculos XIX e XX, tanto na Europa quanto na América (DEVOTO, 2008, p. 269).

Todavia, o discurso nacionalista português não fora totalmente edificado pelo Estado Novo. De certa forma ele é visível desde o final do século XIX¹² e relevante durante o período republicano, embora marcado pelo espírito democrático e laico que caracteriza este regime político. O nacionalismo irá estruturar-se em valores usados anteriormente, como acontecimentos e figuras do passado histórico português, tal como o exemplo de Viriato e a combatividade dos lusitanos¹³. Estes axiomas são reproduzidos pelo regime e usados para justificar a singularidade da nação portuguesa frente às demais. Assim, a memória sobre os heróis é sempre retomada pelas ideologias contemporâneas em um complexo jogo de construções identitárias, no qual as memórias pretéritas ocupam um lugar muito distinto nas narrativas dos destinos de certa comunidade ou nação. Essas memórias visam, de certo modo, a uma espécie de controle sobre o passado e, conseqüentemente, sobre o presente. “É aí o espaço onde identidades étnicas, políticas, religiosas, sociais, culturais, sexuais etc. são (re)elaboradas e (re)definidas pelas gestões de memória, memórias por vezes míticas, que não constroem, necessariamente, vínculos de verdade com a História. As memórias constituem, nesse domínio, um elemento crucial das identidades” (SILVA, 2007, p. 258-259). Assim, referendá-las a partir da confecção de imagens, estátuas ou telas, ou seja, de materialidades que criam subjetividades, são propagandeados os feitos do Estado, além de unir o máximo de indivíduos possíveis para congregá-los em seus projetos unificadores (BAXANDAL, 2006, p. 45).

O Salazarismo utilizaria da figura de Viriato como o chefe carismático e herói a ser cultuado nas comemorações de fundação da Nação portuguesa da Independência (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 217). Em 1940¹⁴, por exemplo, no bojo dessas comemorações, é inaugurada a estátua de Viriato, em Viseu. Essa ação reforça a construção mítica do personagem histórico com o fim de estabelecer funções nacionalistas, tão caras à construção do Estado Novo

¹² Já na modernidade, no contexto que compreende o da formação dos Estados nacionais, esse hábito de vislumbrar o passado ganha uma importância enorme e é diretamente vinculado a uma construção ideológica, cujo objetivo era legitimar a identidade europeia ligada à Antiguidade (SILVA *et al.* 2020, p. 45).

¹³ Em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1937), um corpo de combatentes portugueses voluntários foi enviado para lutar ao lado do General Franco no conflito. Foram chamados de “Viriatos” pela propaganda do regime salazarista, em “alusão ao líder lusitano que manteve em cheque as legiões romanas que invadiram a Península Ibérica no século II a.C.” (PENA-RODRÍGUEZ, 2015, p. 13).

¹⁴ A estátua foi erigida com recursos públicos do Estado Novo, e ficou na ordem de 130 contos, uma quantia considerável à época. Foi esculpida pelo escultor espanhol Marianno Benlliure (1862-1947).

(FABIÃO; GUERRA, 1992, p. 20). A estátua representa Viriato com os músculos hipertrofiados e postura rígida, segurando a espada e o escudo em clara alusão brutalizada do guerreiro antigo. De acordo com o historiador francês Stéphane Audoin-Rouzeau, os movimentos artísticos durante a emergência das direitas na Europa, trariam as visões precedentes da leitura feita a partir da traumática experiência de combate durante a Primeira Guerra Mundial (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, p. 368)

A identidade nacional, formulada através de interferências diretas e indiretas no imaginário popular, definia as narrativas fundadoras da nacionalidade e elegia as personagens que seriam tratados como os heróis nacionais, cujas biografias potencializariam a história e a memória nacional, de tal forma que o culto prestado aos heróis nacionais era, simultaneamente, o culto à Nação e, conseqüentemente, ao Estado. Viriato entraria nesse bojo, pois artigos acadêmicos e publicações científicas, como as contidas na Revista Prisma, publicada entre 1936 e 1931, possuía artigos sobre a virilidade guerreira de Viriato e seus comandados¹⁵, sendo financiadas com o erário.

Contudo, vale a pena assinalar que os heróis nacionais elegidos eram - e ainda o são formados na grande maioria por homens. Em contrapartida, as mulheres são relegadas à segunda ordem, uma vez que a construção cultural do Ocidente em torno dos heróis atribui aos homens características ligadas à violência, à virilidade e à agressividade, enquanto elas são relegadas a papéis meramente domésticos e emocionais (SCOTT, 2019, p. 75). O homem ao longo da História é visto como parte dum bloco homogêneo, invariável, intocável e estável, tendo como um das compreensões e dimensões os seus atributos de macho viril. Os regimes políticos europeu cunho ditatorial nos anos 1930 fizeram do homem a sua pedra angular. Dessa forma, a existência da mulher só se justifica pelo ofício que ela exerce ao lado do seu marido, a quem ela deve assegurar o conforto cotidiano, e dos seus filhos, de quem ela se encarrega do desenvolvimento físico e da educação material e moral. “A mulher somente existe relativamente aos outros: aos homens, a quem ela serve, e às novas gerações, que ela nutre e educa” (CHAPOUTOT, 2013, p.336).

Viriato e os lusitanos também forma utilizados como plataforma para o desenvolvimento do sentimento de nacionalismo e heróismo. Sua imagem, sempre retardada como um macho viril

¹⁵ “Viriato na Realidade Histórica e na Ficção Literária”, procura explicar a origem do sentimento de nacionalidade, e foi escrita pelo historiador Alfredo Athayde. Este artigo está presente nas edições nº 2, de 1936; e nº 3, de 1937, da Revista Prisma.



empunhando a espada, está presente em diversos manuais escolares, Histórias em Quadrinhos, dentre outros materiais. Nesse interím, é importante inferir que a Educação promovida pelo Estado Novo desenvolveu-se, também, no processo de formação das almas, algo que deriva do domínio do corpo e de suas pulsões. Entre os dispositivos mobilizados nos esforços civilizadores, homogeneizantes e normalizadores, destaca-se o papel conferido ao corpo ou à corporalidade dos alunos no modelo escolar que se instaurava. Para Foucault, a apropriação do corpo, com mais eficácia e determinação, inicia a partir do processo de degeneração da singularidade, levando o indivíduo à disciplina, tomando-o como objeto e instrumento de seu exercício de poder, acentuando, assim, o olhar hierárquico e a sanção normalizadora. Para isso, a profusão e glorificação de exemplos a serem admirados, como o caso de Viriato, far-se-ia mais que necessária. A criação de uma heroicidade e a difusão de heróis no início do século XX – como no caso do chefe lusitano –, consoante as historiadoras Lourdes Feitosa e Margareth Rago, possui ainda um viés conservador frente às transformações sociais, culturais e econômicas do século XX:

(...) Diante das mudanças provocadas pela entrada das mulheres no mercado de trabalho e pelas inovações tecnológicas, que tornavam o trabalho mais leve e delicado, as elites governantes, assustadas com um possível amolecimento da juventude, passaram a defender o revigoramento físico dos futuros cidadãos da pátria. Portanto, esses heróis foram produzidos num momento de profunda apreensão causada pela modernização, em que a desestabilização das antigas referências sexuais deixou a sociedade em pânico. Medo da “anarquia sexual”, com a ampliação e diversificação dos espaços do desejo - cabarés, bordéis, cafés-concerto; medo do feminismo: as mulheres deixariam de ser mulheres? As famílias se desagregariam com o trabalho feminino fora do lar? Medo do homossexualismo: estariam os homens se afeminando? Medo da proximidade dos corpos, com os bailes e as novas danças, com os esportes, a natação, os maiôs e as ameaças de explosão das desconhecidas “perversões sexuais” (FEITOSA; RAGO, 2018, p. 117).

Estaria o Estado Novo Salazarista com os “receios” apontados no excerto acima? Ou parte substancial da sociedade portuguesa também os tinha? Esses movimentos de reorganizar os elementos de ensino e a vigilância, são eficazes na medida em que estes são aparelhos de produção de poder e disciplina, onde o desenvolvimento das escolas inicia-se a partir das relações interpessoais e intrapessoais, sendo atividades que englobam um grande contingente de pessoas¹⁶. Assim, a partir desse ponto de vista, é preciso organizar a desordem, que se

¹⁶ Em contrapartida, para fins totalitários, como no caso da Alemanha Nazista ou a URSS, torna-se um erro propagar a ideologia através do ensino e da persuasão. Ela não pode ser ensinada nem aprendida, mas apenas exercida e praticada (ARENDDT, 1998, p.412).

imagina existir com o alvorecer do século XX. Como aponta o filósofo Michel Foucault, a função produtora da disciplina tem, entre outros atributos, a necessidade de se inserir na prática do ensino, perpassando de efeitos de poder relacional, onde se autossustenta pelo jogo de ininterruptos olhares calculadores relacionados à moral cristã.

Dessa forma, foram introduzidos no aparelho escolar manuais escolares¹⁷ que traziam em seu bojo as ideias buscadas pelo Estado, com revisões acerca da História de Portugal de cunho nacionalista, tradicionalista e, deveras, moralizante (PINTO, 2007, p. 33). Todavia, é preciso inferir que tais relações de poder dominador não existem somente de forma macro, mas, também, podem ser consubstanciadas entre membros de um mesmo grupo ou de uma mesma família (BÉLO, 2014, p. 15). Portanto, os heróis do passado ganham vida no presente ao moldarem a conduta da mocidade portuguesa. Assim como Viriato e os lusitanos serviram e se sacrificaram pela Pátria, também as crianças, a partir da entrada na Mocidade Portuguesa e dos ensinamentos trazidos sobre os heróis da pátria, deveriam viver nestes princípios e, mais tarde, tornar-se-iam agentes propagandistas do regime (SERRÃO, 2018, p. 33).

Mas até que ponto a pujança do Estado Novo de António Salazar teria a força de estabelecer tais premissas de forma vertical? E em que medida a busca por valores disciplinares, heroicos e de conduta moral não estava sendo criada no seio de cada família portuguesa ou de cada pequena comunidade na primeira metade do século XX? É preciso assinalar que, em alguns casos, o poder também vem de baixo, isto é, ele se dissipa entre várias camadas sociais. O filósofo francês Michel Foucault questionou o conceito de que existe uma oposição global, antagônica e geral entre dois polos formados, basicamente, pelos dominadores, de um lado; e os dominados, de outro. A dualidade e as relações de regência e subordinação também repercutem sobre grupos cada vez mais restritos das camadas sociais (FOUCAULT, 1999, p. 90). Por seu turno, esses micropoderes (família, instituições, comunidades etc.) formam uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si. Em contrapartida, eles requerem “redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série, convergências desses afrontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de estes afrontamentos” (FOUCAULT, 1999, p.90). Estes são pontos que devem ser respondidos com o avançar da pesquisa de doutoramento.

¹⁷ História para a 4.ª classe do ensino primário elementar, de 1942, escrito pelo historiador António Figueirinhas, é um dos demais exemplos de materiais didáticos com conteúdo exacerbadamente nacionalista e que trata dos heróis portugueses.



Considerações finais

O Estado Salazarista, partidário, em parte, de ideias totalitárias, lançou por meio de conceitos ligados ao conservadorismo e à moralidade católica, programas socioculturais e socioeducativos alicerçados em figuras de heróis nacionais no qual está presente Viriato, como figura de macho viril e com qualidades excepcionais, com as quais as crianças e jovens deveriam se espelhar. O Salazarismo tinha a intenção de criar uma identidade nacional padronizada e homogênea, acreditando que, assim, fortalecer-se-ia o sentimento de nacionalismo e seriam evitadas tensões sociais. Isto teria sido alicerçado a partir das (re)leituras e interpretações dadas às fontes clássicas, às fontes materiais e as pesquisas em vigor sobre os antigos lusitanos e Viriato.

Conjecturamos também que ao definir os heróis nacionais como símbolos a serem seguidos, como o caso de Viriato, o Estado Salazarista buscava elevar aspectos simbólicos e psicológicos relacionados à disciplina, à domesticação dos corpos e diminuir as tensões entre os gêneros. Arrazoamos que, de certa forma, tal objetivo não era só uma vontade do poder macro, ou seja, do Estado, mas que poderia também estar inserido nos níveis micro da sociedade portuguesa, pois o mundo estava em constante transformação no começo do século XX.

Referências

ALARCÃO, Jorge de. Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). Lisboa: **Instituto Português de Arqueologia**, 2001. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4_2/8.pdf. Acesso em: 28 de mar. 2020.

APIANO. **Bellum Ibericum**, Ed. e Trad. en A. Schulten, Las guerras de 154 – 72 a. de J.C., Fontes Hispania e Antiquae, IV, Barcelona, 1937; Trad. A. Sancho, La guerra de Espana, Ed. Gredos, Madrid, 1980.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.

ATHAYDE, Alfredo. **Viriato na Realidade Histórica e na Ficção Literária**. Revista Prisma nº 2, Porto: julho de 1936. p. 93-101.

ATHAYDE, Alfredo. **Viriato na Realidade Histórica e na Ficção Literária**. Revista Prisma. nº 3, Porto: março de 1937. p. 170-180.



AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: o corpo e a guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org). **História do corpo 3: As mutações do olhar. O século XX.** Tradução de João Batista Kreuch, – 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção.** São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

BÉLO, Taís. Pagoto. **Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder.** Tese de doutoramento (Departamento de História), Campinas, 2014.

CHAPOUTOT, Johann. Virilidade Fascista. In: **A virilidade em crise? Séculos XX-XXI.** História da virilidade / sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello ; tradução de Francisco Morás ... [et al.]. v. 3. Petrópolis,: Vozes, 2013.

DEVOTO, Fernando. La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: ALTAMIRANO, Carlos e MYERS, Jorge. **Historia de los intelectuales en America Latina.** Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

DIODORO SÍCULO. **Bibliotheca Histórica,** Ed. The Loeb Classical Library, Cambridge, Harvard University Press, 1979-82; Trad. J. Lens e J. García González. Madrid: Editorial Clásica, 1995.

FABIÃO, Carlos. **Uma História da Arqueologia Portuguesa: das origens à descoberta Arte de Côa.** Lisboa: CTI, 2011.

FEITOSA, Lourdes; RAGO, Margareth. somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na Antiguidade e na Modernidade. in: FUNARI, Pedro Paulo A.; RAGO, Margareth (Orgs). **Subjetividades antigas e modernas.** São Paulo: Annablume, 2008.

FIGUEIRINHAS, António. **História para a 4.ª classe do ensino primário elementar.** [s.d.]. Porto: Editora Educação Nacional. 1942.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 13ª ed, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Graal. 4ª ed. 1984.

FRONTINO. **Les stratagèmes. Aqueucs de laville de Rome.** Traduction par Ch. Bailly. Paris: Panckoucke, 1848. [T-35.538].

FUNARI, Pedro Paulo A. Objetividade e subjetividade na historiografia. Heródoto, v. 3, n. 1, p. 600-609, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1187>. Acesso em: 8 de agos. 2022.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. **História Antiga na salade aula.** Campinas: IFCH/Unicamp, 2004.



GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos. Viriato: Genealogia de um Mito. Lisboa: **Penélope: Revista de História e Ciências Sociais**. n. 8, p. 9-24, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10635>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

HARTOG, François Hartog; REVEL, Jacques (dir.) **Les usages politiques du passé** Paris: Éditions de l'EHESS Enquêtes, 2001.

HOBBSBAWN, Eric. **Nação e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HORNBLLOWER, Simon.; SPAWFORTH, Antony. **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: Oxford University, 1999.

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. **Seção arqueológica relacionado à Antiguidade de Portugal**. Disponível em: <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt>. Acesso em: 19 de agos. 2022.

PASTOR MUÑOZ, Maurício. **Viriato: o herói lusitano que lutou pela liberdade do seu povo**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

PENA-RODRÍGUEZ, Alberto. Salazar y los “viriatos”. Los combatientes portugueses en la Guerra civil española: prensa y propaganda. **Spagna contemporanea. Rivista semestrale di storia, cultura e istituzioni**, n. 47, p. 7-24, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/46323?locale=pt>. Acesso em 31 de agos. 2022.

PEREIRA, Maria Paula. A escola portuguesa ao serviço do estado novo: as lições de história de Portugal do boletim do ensino primário oficial e o projeto ideológico do salazarismo. **Da Investigação às práticas**, 4(1), 63 – 85, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pt>. Acesso em: 28 de jul. 2022.

PÉREZ RUBIO, Alberto. Mujer y guerra en el Occidente Europeo (siglos III a.C-I d.C). *In*: VIDAL PALOMINO, Jordi; ANTELA BERNARDÉZ, Ignacio Borja. **Más allá de labatalla: la violencia contra la población en el mundo antiguo**. Córdoba: Libros Pórtico, p. 97-126, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

PINTO, António Costa. O Estado Novo Português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX. *In*: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, António Costa. **O corporativismo em português**. Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Vargasismo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PORTUGAL. **Atas dos Debates Parlamentares**. Coleção Estado Novo. Lisboa: 1943. Disponível em: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/03/01/020S1/1943-03-13/72?q=vIRIATO&pOffset=30&pPeriodo=r2&pPublicacao=dan>. Acesso em: 10 de fev. 2023.

QUESADA SANZ, Fernando. La utilización del arco y las flechas en la cultura ibérica. Madrid: **Trabajos de Prehistoria**, v. 46, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 2 de jun. de 2021.



RAGO, Margareth. Libertar a História. In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NERO, Alfredo (orgs.) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2005.

ROSAS, Fernando. **Salazar e o Poder**. A arte de saber durar. Lisboa: Edições Tinta da China, 2012.

SÁNCHEZ MORENO, Eduardo. Algunas notas sobre la guerra como estrategia de interacción social en la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo (II). Sevilla: **Habis**, nº 33, p. 141- 174, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em 2 de abr. 2021.

SÁNCHEZ MORENO, Eduardo; AGUILERA DURÁN, Tomás. Bárbaros y vencidos, los otros en la conquista romana de Hispania: notas para una de construcción historiográfica. In: **Debita verba: estudos em homenagem al professor Julio Mangas Manjarrés**. Ediciones de la Universidad de Oviedo. p. 225-244, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 2 de abr. 2021.

SANTOS CANCELAS, Alberto. Integración ideológica de la guerra y su representación iconográfica: Guerreros galaico-lusitanos. Madrid: **Antesteria: debates de Historia Antigua**, Universidade La Rioja. nº. 2, p. 84-106, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 5 de maio 2021.

SCHULTEN, Adolf. **Viriato**. Madrid: Real Academia de Historia. 1920.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. in: HOLLANDA, Heloísa (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SERRÃO, Vanda Maria de Bragança. **O ensino durante o Estado Novo em Portugal: O papel do professor**. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt>. Acesso em: 2 de agos. 2022.

SILVA, Glaydson José da. **História Antiga e usos do passado**. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 40, p. 43-66, 2020.

SILVA. Glaydson José da. Antiguidade e Modernidade: o nascimento de Vercingetólix na escrita da História Francesa após 1789. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara *et. al* (Orgs). **Guerra e Paz no mundo antigo**. Pelotas: Laboratório de Ensino e pesquisa em Antropologia e Arqueologia- Lepaarq/UFPel. Instituto de Memória e Patrimônio, 2007.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Entre armas e razzias: a guerra como identidade cultural para os lusitanos da Antiga Hispania**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.